

FABRÍCIO ANTÔNIO ANTUNES SOARES

DOUTORANDO PUC-RS

BOLSISTA CNPQ

Resumo:

A apresentação é sobre como foi escrita a Revolução Farroupilha no séc. XIX. Para operacionalizar a pesquisa dois conceitos são importantes: intriga da narrativa e controle do imaginário. O primeiro por que permite uma análise da lógica interna do texto e o entendimento do passado representado na escrita. O segundo permite articular a escrita com o presente de sua configuração, isto é, permite entender o controle social que há no imaginário, de um determinado período, que impede ou estimula que certos tipos de intriga narrativa possam ou não serem escritas ou aceitas socialmente. No séc. XIX a escrita sobre a Revolução Farroupilha, no Império do Brasil, fez-se em torno da construção da nação. Tanto os romances, a partir da revista Niterói, como a historiografia, a partir do IHGB, criam uma narrativa em que a construção da nação brasileira é a intriga que coliga os fatos, isto é, é o controle prévio, mas não absoluto ou final, da escrita. No final de década de 1860 na província do Rio Grande do Sul o novo partido liberal, sobre a liderança do gen. Osório e de Gaspar Silveira Martins, rompe a antiga aliança com os progressistas e assume uma postura mais agressiva em relação ao unitarismo da Corte. A partir do *Partenon Literário*, inicialmente e, logo mais adiante, a partir do clube 20 de setembro, na faculdade de direito de São Paulo, novas intrigas surgiram sobre a Revolução Farroupilha. Tanto liberais como republicanos mudaram o sentido da intriga da narrativa. E isso foi articulado com a disputa sobre o imaginário, isto é, após os anos 1860, com o fim da Guerra do Paraguai, a geração de 70, o recrudescimento da luta abolicionista foi se configurando um novo imaginário social que possibilitou escrever um passado, tanto na literatura como na historiografia, diferente do que havia se feito até então.

Palavras-chaves: historiografia; romance; narrativa.

Abstract:

The presentation is about the Revolução Farroupilha was written in the century XIX. To operationalize the research two concepts are important: the narrative intrigue and imaginary control. The first by allowing an analysis of the text of the internal logic and understanding of the past represented in writing. The second allows articulate writing with this on your configuration, that is, allows us to understand the social control that is

in the imagination of a certain period, incumbent or encourage certain types of intrigue narrative may or may not be written or socially acceptable. In the century. XIX writing on the Farroupilha Revolution, the Empire of Brazil, made up around nation building. Both novels, from Niterói, magazine as historiography, from IHGB, create a narrative in which the construction of the Brazilian nation is the intrigue that connects the facts, that is, is the previous control but not absolute or final, writing. At the end of the 1860s in the province of Rio Grande do Sul the new Liberal Party, under the leadership of gen. Osorio and Gaspar Silveira Martins, breaks the old covenant with the progressive and takes a more aggressive stance toward the Unitarianism of the Court. From the Parthenon Literary initially and then later, from September 20th club in the law school of São Paulo, new intrigues emerged on the Farroupilha Revolution. Both liberal and Republicans have changed the meaning of the narrative intrigue. And that was linked to the dispute over the imaginary, that is, after the 1860s, with the end of the Paraguayan War, the generation of 70, the resurgence of abolitionist fight was shaping up a new social imagination that enabled writing a past, both in literature and in history, unlike what had been done so far.

Keywords: historiography; romance; narrative.

1. História e Narrativa

Narrar, compor em intriga os acontecimentos dispersos do passado. Narrar vidas, conjunturas, narrar o tempo que passou. Narrar o ausente no presente. A história e o romance representam no texto o que foi e não é mais. Ao produzirem uma intriga dão sentido para os fatos dispersos. A intriga como uma lógica aglutinadora dos fatos. Neste texto proponho fazer uma história da escrita da Revolução Farroupilha no século XIX.

Para proceder com este objetivo, inscreverei este problema em um horizonte comparatista, ou, como propõe Hartog, uma “atenção comparatista”¹, em que se refere às formas de narração, seus usos, e suas diferenças. Este modo de investigar, como percebe Hartog, de modo algum, defende que tudo se encontra ou tudo se decide nas escolhas primeiras, mas convida a considerar a comparação como um “espaço experimental em que se comunicam ainda experiências históricas divergentes, iniciam-se divisões, formulam-se escolhas positivas, e esboçam-se rupturas”².

¹ HARTOG, François. As primeiras escolhas. In: *Evidência da história: O que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. Pg. 21.

² Idem. Pg. 35-36

Seguindo esse recurso metódico, a história da escrita nos levará ao que os narradores veem ou ao que nos fazem ver no texto. Ao que fazem nos ver na sua narrativa. A evidência do passado na narrativa, no *como se* da visão³. Esta evidência, segundo Hartog, nunca é dada, entretanto impõe-se fazê-la surgir, produzi-la inteiramente pela narrativa. A eficácia da narrativa admite precisamente *colocar sob os olhos*. Institui um ser do passado, uma ilusão de presença. Pela pujança narrativa o leitor é afetado em relação ao que teria ocorrido se ele estivesse realmente presente.

Contudo essa ilusão de presença inclui na sua configuração escrita o controle do imaginário. Intriga narrativa e controle do imaginário se articulam construindo o sentido do texto. O controle do imaginário faz a articulação da intriga narrativa com a sociedade e suas instituições. Compreender na escrita o controle do imaginário que a operou é entender tanto a sociedade que cria a narrativa como a escrita que representa a sociedade.⁴

2. As primeiras memórias históricas

2.1. Saturnino de Souza: memória e política

Ainda durante a Revolução Farroupilha já surgem às primeiras memórias em relação a este fenômeno.⁵ Seu caráter peculiar é a defesa política que os autores fazem de si, de seu grupo político ou de algum personagem. Também, outra particularidade delas enquanto memórias é o uso de documentos para justificar a narrativa que produzem, como se tivessem a necessidade de provar o que dizem, assim, as memórias históricas já iniciam um discurso de veracidade entre os narradores da “R.F”, mesmo ainda eles não se identificando nem como historiadores nem como literatos. Estes primeiros autores de memórias, se justificam, como querendo ser o suporte “documental” dos futuros historiadores.

Saturnino, presidente da província, assim, se justifica: “eu dou ao publico esta memória: não tomaria este trabalho se não tivesse conhecido quão pouco se sabe na

³ Idem. Pg. 12. Trata-se da 2ª definição de evidência.

⁴ LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do controle*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007. LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & a afirmação do romance*: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

⁵ Rodrigo de Souza Pontes: *Memória sobre as causas e acontecimentos que mais imediatamente precederam a sedição de 20 setembro de 1835*; Casemiro da Camara e Sá: *Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias*.

corde dos feitos ocorridos na província do Rio-Grande”⁶ pois, a tribuna parlamentar e a imprensa periódica, segundo o autor, mal instruída, “tem espalhados notáveis inexactidões; o publico julga por aparências (...) e não faltará quem escreva a historia com tão falíveis elementos”⁷.

Não sem motivo seu livro se chama *Bosquejo histórico e documentado* publicado em 1841. O autor quer já esboçar, a partir de suas memórias um sentido para a “R.F”, mas, o sentido que deseja fixar na narrativa é uma defesa de suas atitudes enquanto presidente da província. Escreve a história em forma de memória por que:

“a historia nos da instruções a avisos importantes: a ligação dos fatos com os sucessos militares é digna de meditação; e, se se quiser tirar partido de experiências anteriores, este bosquejo, ainda que limitado, poderá fornecer uma escala por onde possa medir o presente e o futuro quem tiver de continuar a dirigir os destinos do Rio-Grande e do império”⁸.

Seu entendimento do passado é que sua narrativa pode produzir lições para o presente. Na narrativa do *Bosquejo* ele mostra os erros que o governo imperial e seu representante das armas na província, Manoel Jorge Rodrigues, cometeram ao não terminar com a rebelião. O livro é sua defesa em relação aos ataques que sofreu nos jornais e na corte em relação a sua administração e em relação ao não por fim a “R.F”. Assim, responde ao senador B. P. Vasconcellos:

“O Sr. Vasconcellos reconhecerá agora de quanta importância era essa marcha por Caçapava, que, se fosse executada como foi projetada, podia só por si decidir da pacificação da província, sem mais derramamento de sangue”⁹.

Saturnino então coloca a narração da “R.F” dentro da sua preocupação de se defender na corte politicamente, e coloca toda culpa no comandante das armas:

“esta carta fez-me ver que o Sr. General não tinha hum propósito firme de *procurar um engajamento decisivo* no plano de operações: que no que menos pensava era em aproveitar as suas forças, reunindo o maior numero possível, que podia ser o dobro do inimigo, para procurar hum combate; e que, se alguma ideia fixa tinha, era só a de não atacar o exército rebelde. Procurei mostrar-lhe a possibilidade e as vantagens deste ataque”¹⁰.

⁶ COUTINHO, Saturnino de Souza e Oliveira. *Bosquejo histórico e documentado e negócios do Rio Grande*. Porto Alegre: Corag, 1986. pg.5

⁷ Idem. pg. 5.

⁸ Idem. pg. 5

⁹ Idem. pg. 32

¹⁰ Idem. pg. 39

Deste modo, Saturnino faz das suas memórias sua defesa política, mas, também mostra seu entendimento do passado, que enquanto narrado dá lições ao presente, além dele propor que suas memórias sejam a fonte para futuros historiadores.

3. Os primeiros romances.

3.1. Caldre e Fião: Moralismo e ordem

Se as primeiras memórias são escritas durante o transcorrer do fenômeno, na literatura são escritas as primeiras narrativas baseadas na “R.F” logo após seu término. O primeiro romance que se passa durante a Revolução é de autoria de Caldre e Fião - *A divina Pastora* de 1847.

A narrativa está centrada em Edélia (A divina Pastora), apaixonada por seu primo Almênio, soldado farroupilha que, entretanto, irá se casar com Clarinda filha de imigrantes alemães. O livro é centrado em uma narrativa moralista, que se transforma em um exercício de pedagogia, interrompendo a ação dos personagens a cada momento.

No início da narrativa Almênio é um soldado farroupilha, na intriga do romance esta questão desempenha um papel decisivo, pois é exatamente a adesão às forças da rebelião que provoca a repulsa de sua prima Edélia e a impossibilidade de qualquer união.

Este é o recurso manejado pelo narrador para inserir sua posição política na malha dos eventos narrados. Sob a sua perspectiva monárquica, a revolução se apresenta como sinônimo da desordem, uma força negativa, desestabilizadora da estrutura social e familiar. O horror de Edélia à causa revolucionária vem a ser, no fundo, a aversão do próprio Caldre e Fião. No final do livro convencido da ilegalidade da Revolução, Almênio, troca de lado, passa ao exército imperial, refletindo sobre a imoralidade da “R.F”.

Para Caldre e Fião, estava reservado ao século XIX o desenvolvimento das ideias liberais, suscitadas, na alma do homem bom, pelo ódio que haviam atraído sobre si os séculos bárbaros da Idade Média. A partir disso narra Caldre Fião:

“Almênio, jovem de 23 anos, no ardor das paixões violentas, filho de abastados pais, julgou cumprir um dever, apresentando-se no campo da batalha em defesa dos sagrados ideias da liberdade, e no calor do prélio fazer provar aos que julgava inimigos o fio da sua espada. Inflamado pelo ardor marcial esquecera a casa paterna; e a benção dos céus que de seus maiores recebia, sagrado talismã, de há muito não recaía sobre sua cabeça”¹¹.

¹¹ CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. *A divina Pastora*. Porto Alegre: RBS, 1992. Pg. 27-8

Na sua narrativa a “R.F” dissemina a desordem e a desconfiança que destrói os laços familiares. E mesmo sendo contra a escravidão, o autor é a favor da integridade do império e da religiosidade que representa a figura do imperador, por isso para ele os motivos da Revolução farroupilha foram:

“Alguns caudilhos antolhavam um futuro cheio de esperanças, de ouro e de glória individual, e muito poucos o da verdadeira glória da Pátria; e marcharam para eles pela mesma via”¹².

Para Caldre e Fião, os farrapos anteporão o individualismo ao bem social e com isso era uma movimento sem virtude ou moral, do qual o personagem principal se desvincula.

4. A “Revolução Farroupilha” sob o Regionalismo-Romântico:

4.1. Apolinário Porto Alegre: Vingança e “R.F”.

O Vaqueano de Apolinário narra a história de José Avençal e sua participação como vaqueano no exército rebelde. Esta obra de 1869 coloca a “R.F” sob o signo do regionalismo do Partenon Literário. A valorização do meio ambiente e dos personagens locais são uma das características dessa fase regionalista do romantismo. No início do livro o autor narra as características da paisagem durante o inverno, esta seria uma característica da província. No capítulo seguinte narra às características do vaqueano, tipo regional do rio-grandense segundo a narrativa de Apolinário.

Apesar da narrativa se compor durante a “R.F”, durante o avanço farroupilha sobre Santa Catarina, a narrativa desenvolve-se e avança a partir das vinganças que há entre os personagens que compõe a intriga. Para o autor: “Vingança! És tu também uma das sombras a embruscar os traços magistras do caráter rio-grandense, falha que ninguém pode, nem deve ocultar”¹³.

A família de Avençal é assassinada quando este é criança, este foge com uma escrava e é criado por um estancieiro do sul da província. Durante a juventude planeja a vingança quando descobrir quem matou sua família. Seu meio irmão, Moisés, descobre o assassino, um antigo posteiro de seu pai, e a vingança é consumada com sua morte.

¹² Idem, pg. 45.

¹³ PORTO ALEGRE, Apolinário. *O Vaqueano*. Porto Alegre: Movimento, 1987. Pg. 66

Em seguida, os filhos do ex-posteiro morto, que ficou com as terras do pai de Avençal, buscam se vingar de Avençal, entre eles a filha que no passado foi namorada do vaqueano farrapo. Contudo, Rosita ao perdoar Avençal pela morte do pai é assassinada pelo irmão, André, por vingança. Entretanto, este não conseguiu vingar-se pessoalmente de Vaqueano, pois, Avençal morre na retirada das tropas farroupilhas de Laguna.

No último capítulo do livro fica exposto, na narrativa, o republicanismo do autor que, além do abolicionismo e do regionalismo, caracterizam os integrantes do Partenon Literário. No último capítulo ele relata a retirada dos farrapos de Laguna. Assim narra à retirada:

“Como Canabarro e Garibaldi sorriam jubilosos, sob um céu de metralha e fogo! Leões da guerra, colunas avançadas da liberdade, cederam (...) Grandes na derrota (...) Derrota?! Não... Retirada gloriosa, ressaca de vagalhões que imprimiram o selo de sua pujança onde bateram, fracassando”¹⁴.

5. Revolução Farroupilha e o clube de 20 de setembro

5.1. Assis Brasil: Federalismo, cientificismo e “R.F”

Em 1882 surge a *História da República Rio-grandense* de Assis Brasil, que junto com o livro de Ramiro Barcelos, do mesmo ano, são os primeiros que se intitulam livros de história produzidos no Brasil imperial. O livro de Assis Brasil nasce como um pedido do clube 20 de setembro para o aniversário da “R.F” e também é uma resposta ao livro de Tristão Araripe que saiu um ano antes condenando a “R.F” e seus líderes.

Este livro, para o autor é um esforço na direção das ideias que já sustentou em um livro anterior *Republica Federal*. É convicção de Assis Brasil que as revoluções que mais abalarão o Império “tiveram como causa principal a necessidade do estabelecimento do sistema racional da federação”¹⁵. Para ele a “R.F” é nesse sentido a mais característica.

Também fazendo o corte entre memórias históricas que preparariam as histórias futuras afirma: “Empreendo escrever a história da Republica Rio-grandense”¹⁶. Por isso

¹⁴ Idem. pg. 101

¹⁵ ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco. *História da República Rio-grandense*. Porto Alegre: Erus, 1981. Pg.VII.

¹⁶ Idem. pg. 1

afirma que tudo que escreveu “é baseado em dados de grande solidez”¹⁷. A narração da história via historiografia, então, nasce em definitivo para a “R.F”. Neste sentido tenta se distanciar dos autores anteriores que para Assis Brasil não fizeram história científica, pois,

“Levados pela fatal mania de atribuir tudo a exclusiva influência dos indivíduos e nada as leis indefectíveis segundo as quais se efetua o movimento histórico, os escritores que se têm ocupado até hoje da revolução rio-grandense vão procurar-lhe as causas em fatos isolados e imediatos, que, perante uma indagação mais exigente e mais racional, exigirão por sua vez segunda e mais longa explicação. Divergindo fundamentalmente de método tão cômodo quanto infecundo, procurei esboçar, com a filiação histórica da serie de sucessos cuja narração me proponho, as causas que me parece explicarem a sua origem e prolongamento”¹⁸.

Assis Brasil e Ramiro Barcelos são os primeiros a se dizerem historiadores, mas só Assis Brasil propõe-se a pensar teoricamente a história de um ponto de vista de leis científicas. Ele quer descobrir as leis que determinam a conduta humana em que se possam prever as consequências a partir dessas determinações. E para o autor o que determina a ação humana é o meio, pois, “ninguém pode hoje desconhecer a eficaz influencia que sobre um povo exerce o conjunto de circunstâncias físicas que o rodeiam, o *meio cósmico*”¹⁹.

Para Assis Brasil a história é determinada pelo meio, que se descobertas suas leis podem ajudar o historiador a produzir uma explicação racional da história. O meio produz o homem que produz a cultura. Do meio físico e geográfico se deduz a racionalidade historiográfica. Desse modo, o federalismo, que politicamente seria a causa da “R.F”, dever-se-ia geografia física rio-grandense, que produziram uma população acostuma às dificuldades, mas amante da liberdade, em que o federalismo seria uma consequência.

As narrativas sobre a Revolução Farroupilha, ao longo dos anos, foram se alterando e modificando a representação da “Revolução Farroupilha”. O que *foi* A Guerra dos Farrapos sempre está à espera de uma nova gramática de sua configuração, em uma narrativa, seja literária ou historiográfica. Assim, a história das narrativas sobre a Revolução Farroupilha, proposta neste projeto, tenta seguir os rastros dessas narrativas que acabam constituindo o fenômeno histórico que narram.

¹⁷ Idem. pg. IX

¹⁸ Idem. pg. 2

¹⁹ Idem. pg. 2-3



XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS

27 A 31 DE JULHO DE 2015

FLORIANÓPOLIS - SC